

JOSUÉ SOARES FLORES

**CAXIAS DO SUL-RS**

**Abril de 2008**

## **Introdução**

Nosso objetivo nessas poucas páginas é o de tentarmos delinear algumas das principais influências das então polarizadas “Igreja Alta” e “Igreja Baixa” (*High Church / Low Church*) como são comumente conhecidas no contexto da Comunhão Anglicana o movimento Anglo-Católico e a corrente mais “Protestante” do anglicanismo, e que ainda que na província do Brasil, em que nos situaremos mais, entenda que esses movimentos não são tão intensos em suas bases, o Livro de Oração Comum, tão rezado por nós durante mais de um século de implantação do anglicanismo no Brasil, sofreu e ainda sofre essa dialética influência. Então, não podemos pensar em isenção, pois certamente os Bispos que primordialmente representaram à reserva de significados que o LOC em sua natureza carrega, defendendo-o e legitimando-o, o fizeram assim nas bases apologéticas de refutação e inclusão de elementos da liturgia que ora representariam à força da tradição católica ou a potência do pietismo protestante. Assim, essa análise, antes de ter a pretensão de falar sobre a espiritualidade anglicana ou do Livro de Oração Comum, pretende cruzar em análise esses distintos elementos para determinarmos em que medida essas correntes afetaram ou afetam o padrão anglicano naquilo que chamamos de “espiritualidade”.

Nosso estudo se baseia fundamentalmente no ‘LOC’ brasileiro de 1903, ‘Ofícios divinos’ de 1925, ‘LOC’ de 1930, de 1950, os livretos da *nova liturgia* de 1967, de 1973 e o 1975, e por fim o ‘LOC’ de 1987. Também fazemos um paralelismo com o LOC Americano de 1944, com o LOC Inglês de 1928 e com o Missal Anglicano Americano de 1946. É importante frisar que nossa análise tem como objeto a Oração Eucarística desses livros, pois seria trabalho de uma tese sem dúvida, qualquer análise sobre o conteúdo todo, o que necessariamente não é nosso propósito. Fundamentalmente temos os principais livros que influenciaram a liturgia anglicana no Brasil desde os seus primórdios e seus principais ‘afluentes’. A metodologia é bibliográfica e documental e pouco de inspira em reflexões paralelas porque pouco se tem escrito sobre o tema. A importância desse trabalho vai de encontro naquilo que determinamos como ‘identidade’ anglicana. Os princípios de nossa afirmação de fé, doutrina, teologia, moral e pensamento anglicano estão contidos no Livro de Oração Comum. Entretanto não pretendemos fazer um ensaio teológico, senão a mera busca pelos afluentes históricos que desaguaram em nossa vida eclesial dando as dimensões e atmosfera para nossa espiritualidade. A partir disso, compreender o desenvolvimento do LOC é também compreender um pouco de nossa teologia, eclesiologia e missão.

O que o LOC nos propõe está de acordo com a proposta missionária, ética e eclesial no anglicanismo contemporâneo, que comumente chamamos de “inclusividade”? Essa é uma pergunta que fazemos não somente a partir dos aspectos exteriores da liturgia, como p.ex. linguagem inclusiva, simbolismo e cerimonial, mas fundamentalmente com as preocupações posteriores como as novas formas de sociabilidade humana, da transcendentalidade pós-moderna e suas implicações no relacionamento com o sagrado e da eterna questão sobre os pólos hermenêuticos presentes no interior da Igreja, que hoje denominamos ‘evangelicais’ e ‘católicos’.

Não podemos dar as costas a estas questões, em momentos que mesmo ouvimos sobre a validade do LOC para hoje e sua possível superação, o que vagarosamente já está ocorrendo, pelo menos

em nomenclaturas. Seria possível superar o LOC para uma outra realidade litúrgica? Seria fundamentalismo pensar que não é possível? Quais seriam as implicações para nossa costumeira fé? Essas são apenas algumas perguntas que fazemos, e que somente a história poderá nos responder. Por enquanto ficamos em nossa humilde análise que sem dúvidas servirá de suporte, auxílio e subsídio para pesquisas posteriores. Por momento, desejamos ao leitor uma boa leitura!

## O Ofertório e exortações

Não há como evitar a comparação dos LOC's brasileiros com os norte-americanos, pelo menos aqueles que foram publicados até a década de 60, quando o movimento de independência provincial se fortaleceu e ganhou forma tendo como seqüência a nacionalização da igreja. Antes disso, todos os LOC's deviam ser devidamente aprovados pela Convenção Geral da então chamada Igreja Protestante Episcopal dos EUA, e chancelados pelo *custódio do Livro Padrão de Oração Comum* daquela província-mãe. Nosso primeiro enfoque não está propriamente na Oração Eucarística, mas no *ofertório* e partes subseqüentes.

O Ofertório, uma das importantes partes para a realização da Oração Eucarística, reduz-se apenas a uma rubrica no Livro brasileiro de 1903, que é em essência uma tradução do LOC Americano de 1892. Veja a transcrição:

Rubrica do LOC Americano de 1892: (pg. 221ss.)

*Then shall follow the Sermon. After which, the Minister, when there is a Communion, shall return to the Lord's Table, and begin the Offertory, saying one or more of these Sentences following, as he thinketh most convenient. And Note, That these Sentences may be used on any other occasion of Public Worship, when the alms of the People are to be received.*

Rubrica do LOC brasileiro de 1903: (pg. 218)

*Depois seguir-se-há o Sermão. Depois do qual o Ministro, quando houver Comunhão, voltará à Mesa do Senhor, e começará o Ofertório, dizendo uma ou mais das seguintes Sentenças, como julgar mais conveniente. E Note-se, Que estas Sentenças podem ser usadas em qualquer outra ocasião de Culto Publico, em que as esmolas do Povo devam ser recebidas.*

O Livro de "Ofícios Divinos" de 1925 repete a mesma rubrica seguindo o mesmo formato sem qualquer alteração substancial. O 'LOC' de 1930 apenas omite a partir de onde se lê: "E Note-se" até o final da sentença. O arcaísmo tanto do inglês quanto do português são *ipsis litteris* do texto publicado.

Encontramos alguns elementos básicos para o início de nossa análise. As palavras "Comunhão", "Mesa do Senhor", entendidas no português contemporâneo como "Comunhão" e "Mesa do Senhor", ressaltam claramente a influência reformada na nomenclatura tanto do rito quanto do objeto do rito. É inegável a comparação com a espiritualidade zwingliana. A palavra "mesa" em si não expressa outra coisa senão aquilo mesmo que se propõe a comunicar. A 'mesa' não é qualquer outro lugar sagrado que qualquer outra mesa pudesse ser. O sentido de esvaziamento simbólico da Teologia reformada zwingliana, especialmente sua teologia sacramental está implícito tacitamente nesta rubrica, e que estará evidente em toda a oração seguinte. O conceito de "Comunhão" também está livre de qualquer outra associação simbólica que o pão e o vinho possam ter para a espiritualidade. Trata-se apenas de um rito em que se deseja estar *em comunhão* com Jesus Cristo.

Rubrica do LOC Inglês de 1928: (pg. 306)

*Then shall the Priest, standing at the Lord's Table, begin the Offertory, saying one or more of these Sentences following, as he thinketh most convenient in his discretion.*

**Rubrica do LOC Americano de 1928: (pg. 67ss.)**

*Then followeth the Sermon. After which, the Priest, when there is a Communion, shall return to the Holy Table, and begin the Offertory, saying one or more of these Sentences following, as he thinketh most convenient.*

**Rubrica do LOC brasileiro de 1950: (pg. 71)**

*Então, seguirá o Sermão. Após o que, quando houver Comunhão, o Presbítero voltará à Santa Mesa, e começará o Ofertório, dizendo uma ou mais das seguintes Sentenças, como julgar conveniente.*

O LOC brasileiro de 1950 já traz uma mudança substancial na terminologia, que define uma transição. Primeiro a substituição da palavra “Ministro” por “Presbítero”. Depois a inclusão da palavra “Santa” antes de “Mesa”. Novamente está em plena associação com a tradução do LOC Americano. A especificação do conceito Ministro para Presbítero sugere uma maior associação do ministério sacramental à função presbiteral, o que também oportuniza a interpretação de que a palavra ‘Ministro’ é tão abrangente que suscita confusão entre as ordens sagradas de ministério pastoral. É possível que tenham tido problemas nessa ordem, especialmente por influência do congregacionalismo muito pujante no final do século XIX. Entretanto, essa especificação sugere muito mais uma influência do pensamento católico, de preservação das ordens e do privilégio e lugar de cada uma delas no interior do rito litúrgico. A outra palavra que chama a atenção é a inclusão da expressão ‘Santa Mesa’. Isso por si só já faz uma grande diferença no universo das representações simbólicas. Aqui não se trata mais da “Mesa do Senhor”, mas da “Santa Mesa” que indubitavelmente é do Senhor. Há um preenchimento de sentido e significado antes não existido na mesma rubrica. A idéia de que é uma Mesa sagrada, designada para um fim sublime a separa do universo profano e concreto como a teologia zwingliana propõe. Novamente a influência do pensamento católico foi decisivo nessa rubrica. É interessante também perceber que a mesma influência não procedeu e também não sofreu o LOC Inglês, que reafirma seu posicionamento no LOC de 1662 refutando o LOC de 1689, chamado de Livro Proposto ou Liturgia da Compreensão, que fará a defesa conceitual da sentença “Santa Mesa”.

**Livreto de 1967: (pg. 17)**

*O Celebrante dará início ao Ofertório, lendo uma das sentenças próprias.*

*Durante o Ofertório, poder-se-á cantar ou dizer um Salmo ou hino.*

**Livreto de 1975: (pg. 14ss)**

*O Celebrante dará início ao Ofertório, lendo a sentença seguinte:*

*[...]*

*O Pão e o Vinho, juntamente com as Ofertas em dinheiro, serão devidamente colocados sobre o Altar, de preferência trazidos por pessoas da comunidade.*

**Rubrica do LOC de 1987: (pg. 61)**

*O celebrante poderá iniciar o Ofertório com a sentença seguinte, ou com outra da página 97, ou ainda outra das Escrituras.*

*Os membros da congregação trarão oferendas do Pão, Vinho, dinheiro e outras e entregarão ao Diácono ou a outro Ministro. Estando o povo de pé, as oferendas serão apresentadas e colocadas sobre o Altar.*

Rubrica do LOC Americano de 1979: (pg. 333)

*The Celebrant may begin the Offertory with one of the sentences on pages 343-344, or with some other sentence of Scripture.*

*During the Offertory, a hymn, psalm, or anthem may be sung.*

*Representatives of the congregation bring the people's offerings of bread and wine, and money or other gifts, to the deacon or celebrant. The people stand while the offerings are presented and placed on the Altar.*

Os livretos litúrgicos lançados após a independência da província brasileira em relação à Igreja-Mãe (EUA), traçam um divisor de águas no que tange a liturgia da primeira metade do século XX, ainda sob forte influência do espírito reformado, e agora se abre às influências da chamada “Renovação Litúrgica”, movimento bastante intenso nos EUA e que influenciou a todas as igrejas, em especial nosso LOC. O Primeiro livreto de 1967, traz uma nova definição do papel litúrgico desempenhado pelo sacerdote. De *Ministro* foi transformado em *Presbítero*, e por vez transformasse novamente o termo para *Celebrante*, conceito que irá durar até nossos dias. Celebrante pressupõe que esteja *celebrando*, que por definição de nosso dicionário é aquele que festeja algo, exalta alguma coisa. Essa é a nova maneira como se percebe a liturgia: um espaço ‘festivo’, de *celebração* dos grandes feitos do Senhor. Essa parece ser muito mais uma influência do modernismo em retomar o valor dos ‘sentidos’, das ‘emoções’, do ‘afeto’, em detrimento do ‘racionalismo’ sisudo e carrancudo característico das liturgias até a primeira metade do século XX. De longe, é uma remota reminiscência das liturgias medievais em que se valoriza muito mais os aspectos sensoriais e emotivos que os racionais e lógicos, como p.ex. os incensos, missas cantadas por completo, vitrais e esculturas de glória e de agonia, arte de várias expressões, que apelavam mais aos sentidos.

O Livreto de 1967, ainda traz várias sentenças “próprias” para o ofertório. O mesmo fato não ocorrerá nos livretos seguintes e somente será retomado no LOC de 1987. É importante destacar que entre os próprios do ofertório ressalta o próprio “Memorial” retomando a doutrina da Comunhão Universal de Todos os Santos sufocada pelo espírito reformado. Nos demais livretos, como nos livros anteriores, trazem a expressão: *sentença seguinte*, e uma lista enorme de citações bíblicas oblativas. O LOC de 1987 resolve de forma bastante inclusiva, incluindo a sentença chamada “seguinte”, outras sentenças “próprias” para as quadras e festas litúrgicas, e deixando aberto para qualquer outra das Escrituras e a rubrica não muda mesmo no Rito II.

Uma nota importante que podemos destacar é uma nova mudança terminológica da palavra *Mesa*, que depois se chama *Santa Mesa* e por fim *Altar* como é destacado no Livreto litúrgico de 1975 e usado até hoje. Por definição *Altar* é a mesa em que se oferecem os sacrifícios. Não se trata mais de uma mesa comum, mas de uma mobília de inestimável significado simbólico cristão. Aqui o *Altar* é transformado na principal imagem propiciatória da liturgia, é nela em que o “sacrifício” é feito. Essa é sem dúvida uma influência fortíssima da tradição católica, a idéia do “sacrifício da missa”. Por fim, o LOC de 1987 traz muitos elementos para análise, entretanto é pertinente a comparação com a rubrica do LOC Americano de 1979. É claramente igual, o que nos aponta ainda para uma dependência litúrgica e intelectual da Igreja-mãe, apesar de todo o esforço do movimento de Renovação Litúrgica ocorrida a partir de 1960.

## Preparação

Parece-nos hoje muito incomum falarmos de uma “preparação” para a comunhão, pois já nos habituamos a fazê-la antes do ofertório. O LOC brasileiro de 1903, o Livro de Ofícios Divinos de 1925, o LOC brasileiro de 1930 e o de 1950, após o ofertório, inicia esta preparação com uma oração “pela igreja militante” mencionando os dons ofertados para a comunhão e finalizando com a oração pelos fiéis que já

partiram. Após essa *coleta*, inicia-se uma longa “Exortação”, que prepara para a *emenda* de vida dos fiéis antes da comunhão. A Exortação culmina então na chamada para a “Confissão de pecados”, a “Oração Confessória” e a “Absolvição”. Para entendermos o bloco seguinte, precisamos abordar o campo semântico contido nestas partes, veja: *suplicamos humildemente, rogando-te, examinem e provem, sincero e penitente coração, é grande o perigo, indignamente, julgai-vos, arrependei-vos, pecados, emendai as vossas vidas, miseráveis pecadores, nas trevas e sombras, morte, obrigados, submetendo-nos, submissamente, maldades, gravemente, ira e indignação, contra nós, lastimamos, culpas, nos aflige, peso, insuportável*. Após essa seção penitencial de grande inspiração calvinista, especialmente em um dos chamados 5 (cinco) pontos do calvinismo: “*Total Depravação do ser humano*”, segue um novo bloco intitulado “Palavras consoladoras” que trabalham no sentido de *aliviar* o intenso fardo humano do pecado. Dessa forma o rito configura-se com um bloco longo antes da Oração Eucarística propriamente dita, veja:

Ofertório  
Grande Coleta pela Igreja Militante  
Exortação  
Confissão e Absolvição  
Palavras consoladoras

É bem verdade que a “Exortação” era opcional desde que fosse lida pelo menos uma vez ao mês. Também é notável uma clara mudança gramológica e pequenas inclusões e supressões de termos, mas em essência, o bloco não se altera substancialmente na sua teologia. Um dado importante é que no LOC Americano de 1928, o qual permaneceu até o final da década de 70, a “Exortação” havia sido suprimida, o que irá acontecer com o LOC brasileiro de 1950. Apesar da ligação entre as igrejas, parece-nos que a opção brasileira foi a de manter sua liturgia estreitamente ligada a Igreja-mãe ao contrário do LOC Inglês proposto de 1928, que inclusive havia mais outras versões opcionais para a Exortação. Então, após 1950, a estrutura da liturgia da Comunhão no Brasil fica da seguinte forma:

Ofertório  
Grande Coleta pela Igreja Militante  
Confissão e Absolvição  
Palavras consoladoras

Nos livretos litúrgicos de 1967, de 1973 e de 1975 há uma grande mudança litúrgica. A preparação é antecipada para seguir a Saudação. Em 1967 a preparação já se inicia com a “Coleta pela Pureza”, seguida do “Sumário da Lei”, “Confissão” e curiosamente antes da “Absolvição” o presbítero pronunciava um resumo das chamadas “Palavras consoladoras”, seguia-se então um “Kyrie”. Já no Livro de 1973 a preparação inicia-se com uma “Introdução” e “Saudação Trinitária”, “Coleta pela Pureza”, outra mudança: a opção aqui foi a de incluir o “Decálogo” como opção além do “Sumário da Lei”, seguido do “Kyrie”, “Confissão” e agora sem as Palavras consoladoras, passando direto para a “Absolvição”, mas a grande novidade aqui é a inclusão da “Intercessão” antes da Liturgia da Palavra, que se insere muito bem no lugar da antiga “Coleta pela Igreja Militante” do LOC brasileiro de 1950. Já o Livro de 1975 separa bem a “Introdução” daquilo que chamamos de “Preparação”, e inicia esta parte não mais com a “Introdução” mas com a “Saudação Trinitária”. As demais partes, o Livro reafirma a estrutura litúrgica de 1973.

Estes livretos seguiram a tendência do LOC americano de 1979. Tanto no Rito I quanto no Rito II do LOC americano de 1979 essas partes penitenciais estão dispersas nas “Sentenças introdutórias”, e na “Liturgia da Palavra”. Essa nova estrutura e espiritualidade eucarística, influenciou o LOC brasileiro de 1987. Entretanto, levantamos aqui a tese de que a partir da renovação litúrgica, mais especificamente da década de 70 em diante, os LOC’s caminharam muito mais para o caminho da “supressão” dos *exageros penitenciais* dos LOCs anteriores datados até 1950 e consoantes com o americano e inglês. Para nós, esse

bloco todo chamado de “preparação”, preenche uma lacuna que o “espírito reformado” do anglicanismo suprimiu da tradição litúrgica. Os Ordinários da Missa Romanos pré-Concílio Vaticano II, após o Ofertório trazem Orações especiais de oblação do Pão, da Bênção da Água e sua mistura com o Vinho, Oblação do Cálice, Oblação dos fiéis, Invocação do Espírito Santo (Epiclese), Incensação (Bênção do Incenso) das oferendas, do crucifixo e do altar, Ablução das mãos, Ação de Graças a SSma. Trindade, a partir do Orate Frates já é interpretado como a “Consagração”, que é seguido da Secreta e a Oração Eucarística.

Esta longa preparação do Rito Romano tem uma outra dinâmica, estabelecida muito mais nos atributos sensoriais, que os racionais. O Rito Anglicano até 1950, apela muito mais para a razão e consciência do que para o simbolismo, imaginário e transcendentalidade. Essa é uma influência nítida do culto protestante na Liturgia Anglicana. Tudo aquilo que foi considerado supersticioso, mágico e não racional, foi abolido da liturgia. Na perspectiva da espiritualidade, é evidente que o anglicano carregou por longas décadas o peso de sua própria consciência, que semanalmente era condenada pelos vícios e depravação. Um fato que aproxima o anglicanismo do protestantismo: se nas igrejas protestantes as consciências eram julgadas através do sermão, e tinham uma liturgia mais “leve”, nas igrejas anglicanas as consciências eram julgadas pela liturgia e o sermão desenvolvido de forma mais sucinta e “leve”.

## Oração Eucarística ou Consagração

### Benedictus

Nossa análise mergulha agora no ápice de seu objetivo. Quais são as influências que determinam o texto e conseqüentemente a tendência ou corrente da espiritualidade que prevalece. Para começar, percebemos que em todos os LOC's brasileiros até o de 1950 a oração que segue o *Sursum Corda*, iniciando com a expressão *É verdadeiramente digno, justo...* trazem a expressão *te damos graças ó Senhor, Santo Pai*. A expressão “Santo Pai” é suprimida do LOC de 1987 muito certamente pela influência da Ordenação feminina e da Linguagem Inclusiva, derivados da Renovação Litúrgica ocorrida duas décadas antes. Entretanto, em todos os LOC's também percebemos a ausência do *Benedictus* após o *Santus*. É sabido que o ‘Benedictus’ é expressão litúrgica relacionada com o Cântico de Zacarias, presente especialmente como cântico na Oração Matutina e uma reminiscência da Liturgia das Horas, e só será inserido na liturgia no último LOC de 1987. Entretanto já foi diferente: No LOC de 1550 em Latim o *Benedictus* está presente, já no de 1662 a expressão foi novamente retirada. No Livro americano o *Benedictus* volta no LOC Latim de 1979 e no LOC americano em inglês. Os livretos litúrgicos de 1967 e posteriores, já incluem o *Benedictus*, fato que vai se consumir com o LOC de 1987.

### A Cláusula Hoc est: isto ou este?

A expressão: *Tomai e comei, este é o meu corpo...* É uma evidência clara da interpretação anglicana do sacramento eucarístico. Entretanto a expressão *Hoc est enim corpus meum*, traduzido pelo cânon romano como: *“Isto é o meu corpo”* também está presente no LOC de 1560 (exceto a palavra enim) que é um texto litúrgico intermediário entre o livro do rei Eduardo VI e o livro Elizabetano. Já no LOC de 1662 em Latim a expressão está integral mas a versão em língua inglesa traz a expressão *this is my body*. No texto do LOC inglês proposto de 1928 a expressão é *“Take, eate, this is my bodye”*, traduzido por “este é o meu corpo”. O LOC americano em Latim de 1979 também afirma o cânon romano. O Missal Anglicano da Liturgia Americana de 1946, de forte influência anglo-católica, também traz a mesma expressão, o que nos leva a crer que é muito mais uma questão de interpretação em língua inglesa do pronome, visto que *this* pode ser entendido como *este* ou *isto*. Já o pronome demonstrativo em português traz uma definição muito maior, onde

não cabe a dúvida interpretação como na língua inglesa, por isso nosso entendimento vai dentro da linha de que há na definição/opção da expressão “Hoc est enim...” como sendo “este é o meu corpo” numa tendência muito mais *memorialista* de teologia consubstancialista protestante.

## A questão da Ablução

O LOC brasileiro de 1903 traz à página 230 a seguinte rubrica:

*Quanto todos tem commungado, o Ministro voltará á Mesa do Senhor, e porá reverentemente sobre ella o que sobejar dos Elementos consagrados, cubrindo-os com uma limpa toalha de linho.*

Depois na página 233 outra rubrica:

*E se sobejar algum Pão e Cinho consagrado depois da Communhão, Não será levado fora da Igreja: mas o Ministro e outros Commungantes, logo depois da Bênção, os comerão e beberão com reverencia.*

Essas rubricas são omitidas no Livro de Ofícios Divinos de 1925. No LOC brasileiro de 1930 as rubricas voltam e são adicionadas outras rubricas disciplinares que são mantidas até o LOC de 1950. O Livro de litúrgico de 1967 apresenta esta rubrica: “*O Celebrante consumirá então o Pão e o Vinho que sobejarem, dizendo em seguida:*” (pg. 21), que se manterá em todos os demais livros intermediários até o LOC brasileiro de 1987. Há uma mudança de interpretação sobre o Sacramento Reservado. O fato de “proibir” que o sacramento saia da igreja, parece muito mais uma rubrica que impede a idéia de elementos consagrados para que não sejam alvo de ‘adoração’, ‘veneração’ ou até magia como é muito comum na religiosidade popular. Entretanto ao fazer isso, delimita que qualquer pessoa que não possa participar nos ofícios, possa também participar do sacramento, exceto se for à igreja ou se o presbítero consagrar em residência. A rubrica sobre o assunto no LOC de 1987 não parece sugerir isso. O sacramento pode ser consumido, mas não “proibido” de sair da igreja. É notório que nessa época muitas comunidades já dispunham de sacrários para o Sacramento Reservado, da prática do Viático para os enfermos e idosos além da consagração dos elementos nas residências.

## Estrutura da oração

Podemos perceber que ao longo dos Livros que foram surgindo, também alterações na Oração Eucarística foram acontecendo, desde a nomenclatura até o conteúdo mesmo do texto. Vejamos:

No Loc brasileiro de 1903 temos a seguinte estrutura:	O esquema muda apenas no LOC brasileiro de 1930:	Uma nova estrutura no Livro de 1967:	Outra estrutura no Livro de 1973:
<p>Sursum Corda            Prefácio            Sanctus            Oração de Humilde Acesso            Anamnese            Fração            Oblação</p> <p>Invocação ou Epiclese            Oblação de nós mesmos</p> <p>Doxologia            Comunhão            Pai Nosso</p> <p>Pós-Comunhão</p>	<p>Sursum Corda            Prefácio            Sanctus</p> <p>Anamnese            Fração            Oblação</p> <p>Invocação ou Epiclese            Oblação de nós mesmos</p> <p>Doxologia</p> <p>Pai Nosso</p> <p>Oração de Humilde Acesso            Comunhão</p> <p>Pós-Comunhão</p>	<p>Sursum Corda            Prefácio            Sanctus</p> <p>Anamnese</p> <p>Oblação</p> <p>Invocação ou Epiclese            Oblação de nós mesmos</p> <p>Doxologia</p> <p>Pai Nosso            Fração            Paz ou saudação (opcional)            Agnus Dei (opcional)</p> <p>Comunhão            Ablução            Pós-Comunhão</p>	<p>Sursum Corda            Prefácio            Sanctus            Benedictus            Anamnese</p> <p>Oblação            Oblação de nós mesmos            Epiclese</p> <p>Doxologia</p> <p>Pai Nosso            Fração            Paz ou saudação (opcional)            Agnus Dei (opção)            Oração de Humilde Acesso (opção)            Comunhão            Ablução            Pós-Comunhão</p>

No LOC brasileiro de 1987 (Rito II):	No LOC brasileiro de 1987 (A):
Sursum Corda	Sursum Corda
Prefácio	Anamnese
Sanctus	Sanctus
Benedictus	Benedictus
Anamnese	Anamnese
Oblação	Oblação
Epiclese	Epiclese
Oblação de nós mesmos	
Intercessão aos fiéis	Intercessão
Doxologia	Doxologia
Pai Nosso	Pai Nosso
Fração	Fração
Comunhão	Comunhão
Pós-comunhão	Pós-Comunhão

O Olhar atencioso sobre as mudanças nas estruturas revelam claramente a tensão entre as tendências das chamadas *Low Church* e *High Church*. Certamente, nossa dependência intelectual tanto da Igreja dos Estados Unidos, quanto da Igreja da Inglaterra, fez com que, mesmo que não tivéssemos claramente esta tensão no Brasil, importássemos da liturgia estrangeira certas estruturas irrefletidas e textos litúrgicos nada contextuais. Assim, o que propusemos mostrar neste trabalho, é como determinadas tendências da espiritualidade cristã, influenciadas ora pela tradição milenar, ora pelo reformismo protestante, acabaram por vez influenciando no modo como rezamos, e essa é uma condição muito “subliminar” ao texto litúrgico, ou como dizemos popularmente: *está nas entre linhas*. O trabalho deseja que o leitor possa compreender que a liturgia pode e em certa medida deve incorporar os elementos doutrinários, teológicos, correntes da espiritualidade, outrora também ideológicos, filosóficos e morais, e a cada uma dessas perspectivas apontadas, podemos fazer análises e traçar as principais balizas daquilo que universalmente chamamos na Comunhão anglicana de “*ethos anglicano*”.

## Bibliografia

1. Livro de Oração Commum e Administração dos Sacramentos e outros Ritos e Cerimônias da Igreja segundo o uso da Igreja Episcopal Brasileira com o Psalterio ou Salmos de David. The Bishop White Prayer Book Society. Philadelphia: 1903.
2. Offícios Divinos (fórmulas provisórias de oração para uso da Igreja Episcopal Brasileira). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.
3. Livro de Oração Commum e Administração dos Sacramentos e outros Ritos e Cerimônias da Igreja segundo o uso da Igreja Episcopal Brasileira com o Psalterio ou Salmos de David. Pelotas: Livraria do Globo, 1930.
4. Livro de Oração Comum e Administração dos Sacramentos e outros Ritos e Cerimônias da Igreja segundo o uso da Igreja Episcopal do Brasil com o Saltério ou Os Salmos de Davi. Porto Alegre: Metrópole, 1950.



5. Celebração da Santa Eucaristia e Administração da Santa Comunhão. Porto Alegre: Metrópole, 1967.
6. Ofícios Litúrgicos (Santa Eucaristia, Santo Batismo, Oração da Manhã e da Tarde) Igreja Episcopal do Brasil. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, 1973.
7. Celebração da Santa Eucaristia e Administração da Santa Comunhão. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, 1975.
8. Livro de Oração Comum Forma Abreviada e atualizada com os Salmos Litúrgicos conforme o uso da Igreja Episcopal do Brasil, Província da Comunhão Anglicana. Porto Alegre: Metrópole, 1988.
9. The Book of common prayer with the additions and deviations proposed in 1928. London: Cambridge University Press, 1928.
10. The Book of common prayer and administration of the sacraments and other rites and ceremonies of the Church according to the use of the Protestant Episcopal Church together with the Psalter or Psalms of David. New York: Oxford University Press, 1944.
11. The people's Anglican Missal in the American Edition containing the liturgy from the book of common prayer according to the use of the Church in the United States of America together with other devotions and with liturgical and ceremonial notes. New York: The Frank Gavin Liturgical Foundation, Inc., 1946.
12. <http://www.justus.anglican.org/resources/bcp/>